

A TEORIA DO ESPAÇO TURÍSTICO: CONCEITO, VALORES HIERÁRQUICOS E SUAS REDES TURÍSTICAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL

The theory of the tourist space: concept, hierarchical values and its tourist networks
in the northeast of Rio Grande do Sul

La teoría del espacio turístico: concepto, valores jerárquicos y sus redes turísticas en
el nordeste de Rio Grande do Sul

Pedro Cesar*

* Universidade de Caxias do Sul – pabcesar@ucs.br

Versão online publicada em 23/03/2022 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>).

Como citar esse artigo: CESAR, P. A teoria do espaço turístico: conceitos, valores hierárquicos e suas redes turísticas no nordeste do Rio Grande do Sul. **Para Onde!? Edição Especial - Geografia(s) do Turismo**, v. 16, n. 02, p. 56-74, 2022.

Resumo:

Nesta pesquisa, faz-se uma aproximação dos valores abstratos da Teoria do Espaço Turístico com suas representações concretas. Sabe-se que o Turismo, como campo científico e prático, tem muito de seu estatuto definido no seu reconhecimento como atividade eminentemente territorial. Essa teoria dá subsídios para formular hierarquias localizacionais. Espera-se, inicialmente, ao aportar o seu ambiente e a atividade, reforçar seu papel na formulação de redes geográficas e turísticas. Ao estabelecer seu recorte espacial na Serra Gaúcha – RS, faz-se levantamentos indiretos junto aos órgãos dos governos federal e municipais e a pesquisas jornalísticas e de ambientes informacionais. Confrontam-se esses com observação direta realizada em visitas aos municípios e especificamente em áreas de apropriações turísticas. Com esse arcabouço teórico e prático, qualificam-se as formações hierárquicas para compreender o seu papel localizacional definidas pela Teoria. Conclui-se acerca de sua aplicação que os indicadores atribuídos na sua origem teórica devem agregar novos fatores como as funções sociais do espaço, reconhecendo as sociedades presentes, além de fatores físicos que interferem na composição dos destinos turísticos.

Palavras-chave: Teoria do Turismo. Rede turística. Rede geográfica. Desenvolvimento Regional.

Abstract:

In this research, an approximation of the abstract values of the Theory of Touristic Space with its concrete representations is made. It is known that Tourism, as a scientific and practical field, has much of its status defined in its recognition as an eminently territorial activity. This theory supports the formulation of locational hierarchies. It is expected, initially, by approaching its environment and activity, to reinforce its role in the formulation of geographic and tourist networks. By establishing its spatial cutout in the Serra Gaúcha – RS, indirect surveys are fulfilled with federal and municipal government agencies and journalistic and informational environment researches. These are confronted with direct observation carried out on visits to municipalities and specifically to areas of tourist appropriations. With this theoretical and practical framework, hierarchical formations are qualified to understand the role of locational hierarchies defined by the Theory. It is

concluded about its application that the indicators attributed in its theoretical origin must add new factors such as the social functions of space, by recognizing the societies present in it, in addition to physical factors that interfere in the composition of touristic destinations.

Key-words: Tourism Theory. Tourist network. Geographical network. Regional development.

Resumen:

En esta investigación se abordan los valores abstractos de la Teoría del Espacio Turístico con sus representaciones concretas. Es sabido que el Turismo, como campo científico y práctico, tiene gran parte de su status definido en su reconocimiento como actividad eminentemente territorial. Esta teoría apoya la formulación de jerarquías de ubicación. Inicialmente, se espera que, aportando su entorno y actividad, refuerce su papel en la formulación de redes geográficas y turísticas. Al establecer su corte espacial en la Serra Gaúcha - RS, se realizan encuestas indirectas con agencias del gobierno federal y municipal, además de investigación periodística e informativa. Estos se confrontan con la observación directa realizada en visitas a municipios y específicamente en áreas de apropiación turística. Con este marco teórico y práctico, las formaciones jerárquicas están capacitadas para comprender su localización de roles definida por la Teoría. Se concluye sobre su aplicación que los indicadores atribuidos en su origen teórico deben agregar nuevos factores como las funciones sociales del espacio, reconociendo las sociedades actuales, además de factores físicos que interfieren en la composición de los destinos turísticos.

Palabras clave: Teoría del turismo. Red turística. Red geográfica. Desarrollo regional.

1 Introdução

A Geografia contribui na formação do Turismo como área do conhecimento científico. No Brasil, destaca-se seu início em eventos como o Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo (Sol e Território), organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo (DG-FFLCH-USP), em 1995 (RODRIGUES, 1999), e principalmente pela organização, na mesma instituição, do I Encontro Nacional de Turismo com Base Local – ENTBL (RODRIGUES, 1997). Anteriormente, numerosas dissertações e teses na área, como as de Seabra (1979) e de Tulik (1980), contribuíram para a construção de um arcabouço teórico e metodológico. Tem-se essas questões específicas como referência para o estudo e formulação do Turismo como área do conhecimento.

Concomitante, a Teoria do Espaço Turístico desenvolvida no *Centro Interamericano de Capacitacion Turistica* (Cicatur) sustenta a relação prática e teórica entre turismo e território. Assim, ela tem duas vertentes na sua popularização do conhecimento: uma com o primeiro curso de formação de especialista dado no Brasil por esse Centro, e com suporte da Embratur (na época Empresa Brasileira do Turismo), da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID (1973). Soma-se a publicação de livros como *Planificacion del Espacio Turístico* (BOULLÓN, 1985) com essa teoria.

A relação Turismo e Território sempre esteve presente. Aproximação necessária para um efetivo entendimento da atividade e para seu

planejamento e desenvolvimento. Nessa formulação, emerge-se a temática rede turística, embora não tenha sido desdobrado explicitamente na referida teoria.

Esse artigo desenvolve-se em etapas distintas. Inicialmente, reconhecem-se os estatutos constituídos da Teoria do Espaço Turístico propostos no Cicatur. Concomitante, apresentam-se alguns valores basilares na formação de redes, especificamente de redes de localidades quanto aos aspectos territoriais. Posteriormente, faz-se uma aproximação prática, tendo como recorte empírico a região do nordeste do Rio Grande do Sul, conhecida turisticamente como Serra Gaúcha, e avalia-se sua configuração ao contrapor a Teoria proposta, para finalmente compreendê-la como estrutura em rede turística. Tem-se, assim, o objetivo de avaliar se a respectiva Teoria do Espaço Turístico atualmente se sustenta com as novas demandas e olhares epistemológicos agregados ao reconhecimento do território.

2 Procedimento metodológico

O estudo tem como base pesquisas bibliográficas e informacionais. A carência de dados e mesmo a falta de confiabilidade nos levantamentos empíricos acerca das atividades turísticas, indicam para a necessidade de uma abordagem nas localidades por observação direta e indireta. Nesta etapa, ao delimitar o estudo na Região Funcional 3 (RF3), divisão da Secretaria de Planejamento do Governo do Rio Grande do Sul, faz-se, por anos, levantamento da infraestrutura, dos equipamentos e atrativos e das demandas turísticas. Essa área geográfica, comumente chamada de Serra Gaúcha, configura-se por 49 municípios. Após um estudo inicial de toda região, qualificam-se e estudam-se 26 localidades quanto à oferta turística.

Destaca-se, nos municípios com relevância nas estruturas e na atividade turística, sua formação territorial e a qualificação das redes localizacionais. Para essa escolha, foram considerados alguns aspectos, como as presenças administrativas, um aporte na administração municipal ligada ao turismo (identificado por pesquisa às páginas oficiais da Prefeitura Municipal), mas, principalmente, a existência de uma estrutura de meios de hospedagem (consultando inicialmente o Cadastur) e as dimensões turísticas coletadas anualmente, segundo dados do Mapa Turístico de Categorização do Ministério do Turismo (MTur). Importante salientar que, após a definição do recorte, os dados do Cadastur foram atualizados com pesquisa de campo, dada a sua defasagem. Com as respectivas informações, faz-se a definição dos seus valores hierárquicos na Teoria do Espaço Turístico (BOULLÓN, 1985) por associação vertical e horizontal entre os equipamentos e os atrativos turísticos. Esses criados paralelamente onde: “As horizontalidades são o alicerce de todos os cotidianos (...) [e] as verticalidades agrupam áreas ou pontos, ao serviços hegemônicos não raro distantes” (SANTOS, 2005, p. 150-1)

Posteriormente, relaciona-se o prático-concreto das unidades municipais

e de suas redes turísticas. Nelas, envolvem-se algumas especificidades, como a listagem dessas, suas localizações, assim como de outras estruturas viárias que qualificam para a prática de visitação (STIGLIANO; CÉSAR, 2005). Para a sua formulação, investigam-se informações de órgãos oficiais e de organizações diversas do setor. Soma-se a estes dados a realização de observação direta e indireta, por meio da visita ao local, além de informação na imprensa e em *sites* de viagens. Na observação direta foram avaliadas a dimensão das áreas de visitação e as origens predominantes dos visitantes, bem como as rotas frequentes traçadas, a fim de mapear os fluxos e as apropriações territoriais nos percursos.

Sabe-se que, para o seu entendimento, o atrativo precisa ser relacionado a aspectos como suas dimensões ou capacidade física, suas condições de acesso e localizacionais, e valores hierárquicos diversos¹ (STIGLIANO; CÉSAR, 2005). O mesmo precisa ser feito com os meios de hospedagem, os restaurantes, as áreas diversas de concentração e de dispersão do visitante, as lojas e os equipamentos diversos que, na rede urbana, se estabelecem como rede urbana para o turismo (BOULLÓN, 2002). Na localidade, suas diversas estruturas (em redes), como as de transporte, se sobrepõem à de apropriação viária para o turismo, podendo cooperar, associar ou competir entre si, dependendo de interesses e densidades. Porém, essas informações se definem por procedimentos metodológicos diferenciados. O nível gráfico, cartográfico com a dimensão de estudo adotado pelo planejamento urbano de equipamentos das cidades e da região, qualificam como importante suporte para seu entendimento.

Após a identificação cartográfica, os municípios foram qualificados na Teoria do Espaço Turístico, compreendidas e avaliadas suas redes. Tem-se, assim, que o valor que qualifica a formação hierárquica turística justifica o destino turístico por um posicionamento na sua localização regional. Nesse contexto, tem-se como questão norteadora: a Teoria do Espaço Turístico dá indicadores que justificam as hierarquias por fatores localizacionais ou novos valores são necessários para esse entendimento?

3 Redes como referência geográfica e turística

Os valores referentes ao planejamento e o desenvolvimento turístico estavam sendo elaborados entre as décadas de 1960/70. Nesse período até os dias atuais, temas e conceitos na Geografia passaram por muitas transformações, agregando novas teorias, categorias, valores, abordagens e conceitos. Afinal, “[...] não se pode esquecer que os conceitos são frutos de uma época e das condições internas e externas ao debate científico e intelectual próprias de cada época” (SOUZA, 2013, p. 14). Importante reportar que na Geografia, antes da formulação crítica como definidora de um espaço crítico, tutelava-se como morto, não dialético entre outras definições (MORAES, 1999; SOJA, 1993). Nesse período inicial, os

¹ Valores hierárquicos dos atrativos e equipamentos turísticos se sustentam ao grau de “[...] interés turístico sobre base objectivas e comparables” (COE, 1973, p. 11).

entendimentos de espaço geográfico tinham uma forte carga positivista.

Na abordagem crítica, a sociedade deve estar presente nos estudos de planejamento urbano, territoriais, regionais e de urbanismo, entre outros campos. Pensa-se, assim, como referência o espaço e o território por uma abordagem que envolva totalidades com a sociedade e mesmo o ambiente ecológico, entre outras questões possíveis na sua formulação epistemológica. Atualmente, sabe-se da necessidade em “[...] interessar-se pela **sociedade concreta**, em que relação sociais e espaço são inseparáveis, mesmo que não se confundam” (SOUZA, 2013, p. 16).

Entretanto, as redes são uma abstração, mesmo que definidas por sociedades e forças geográficas concretas, entre outros valores possíveis. Representação que se faz por “[...] um conjunto estruturado de ligações ou de fluxos, em que os ‘fios’ entre os nós são chamados de arcos e os ‘nós’ são, muito simplesmente, chamado também de nós, com tudo isso compondo uma trama integrada, é uma rede” (SOUZA, 2013, p. 167). Determina-se, assim, como redes técnicas, urbanas, sociais, entre tantas outras, em que se destacam as redes turísticas. “Nos últimos anos, as redes se tornaram um dos principais focos de atenção em ciências, negócios e na sociedade em geral, devido a uma cultura global emergente” (CAPRA, 2008, p. 17).

4 Redes Turísticas

Destaca-se acerca de redes turísticas e seus aspectos geográficos, para compreender a Teoria do Espaço Turístico apresentada pelo Cicatur como aporte para uma formação em rede. Sabe-se que sua escala de análise pode qualificar desde questões Geopolíticas a estruturas urbanas e turísticas de um respectivo local. Espera-se, assim, compreender o papel funcional das localidades urbanas na definição de uma região turística.

Sua qualificação se aporta no entendimento de diversas complexidades. Dessa maneira, a teoria análoga de Miossec (1985) pode ser associada ao nível da intensidade da atividade turística, definido por nós de conectividades e por ligações diversas que sobrepõem uma respectiva área com a atividade turística. Nota-se nesse estudo a percepção dos emissores e receptores. Entretanto, a atividade turística se estabelece por inúmeras possibilidades na formação em redes. Entre elas, podem-se pensar as estruturas que se justificam por serviços, as possibilidades de viabilidade e expansão por fatores políticos, os atrativos, os roteiros, os indivíduos-empREENhedores que podem se estabelecer e se sustentar por essas ligações diversas. Outra formulação necessária para o entendimento da origem dos estudos das redes urbanas se tem na Teoria do Lugar Central de Walter Christaller, elaborada na década de 1930 (BESSA, 2012).

O estudo de redes tem sido observado no turismo, embora sem uma formulação definidora, conceitual e específica. Sabe-se que a própria elaboração da atividade se faz por redes diversas que possibilitam informações necessárias para definir o deslocamento e mesmo a formação

da sua oferta. Como dito anteriormente, ao ser observada a Teoria do Espaço Turístico, os pesquisadores do *Centro Interamericano e Investigacion Turistica* (Cicatur) não utilizam temática: seus esforços são para pontos nos territórios que se formulam em conectividades (BOULLÓN, 1997a, 1997b). Coe (1973) especificamente relaciona com redes rodoviárias no respectivo estudo.

No estatuto de *clusters* e/ou arranjo produtivo, tem-se uma ideia transversal de rede. Nela, sobrepõe principalmente o julgo de governança e da interconectividade, aspecto inclusive que marca a coletânea de Santos e Bassanessi (2010), ao buscar dar um contorno no reconhecimento do estado da arte da rede no Turismo. Desta maneira, compreende-se sua aproximação principalmente com os aspectos de interconectividade dos turistas ou dos setores da oferta (BERNARDES et al., 2008).

5 As redes de infraestruturas, seus equipamentos e atrativos

As infraestruturas, os equipamentos e os atrativos turísticos são pontos básicos das redes turísticas. Conceitualmente, infraestruturas são os bens e serviços que sustentam as estruturas sociais e produtivas de um determinado local. Destacam-se os equipamentos turísticos como um conjunto de oferta que possibilita a permanência do visitante. A esses somam-se os atrativos que são referências objetivas e subjetivas que definem o desejo ao deslocamento (BOULLÓN, 2002). Todos determinam estruturas urbanas que qualificam e hierarquizam localidades e regiões.

Inicialmente, podem-se identificar dois percursos conceituais direcionados nas formulações metodológicas para o estudo das redes urbanas, e conseqüentemente das redes de infraestruturas, equipamentos e atrativos turísticos. Desta maneira, destacam-se a análise sistêmica e as elaborações estruturalistas, formações de diferentes matizes ideológicas, tendo como autores clássicos na sua elaboração Bertalanffy (2008) e Althusser (ALTHUSSER; BADIOU, 1979). Ambos têm pontos comuns no entendimento da relação de interconectividade entre objetos e sujeitos distintos. Seu objeto de observação se faz no confronto entre totalidades abstratas com realidades concretas e suas conectividades.

A ênfase nos valores físicos reforça as abordagens de redes geográficas a partir das décadas de 1960/70. A partir desse período, até os anos 1990, dá-se grande importância à análise das redes urbanas e seus sistemas urbanos e de cidades (SOUZA, 2013). Seu pioneirismo está associado à pesquisa de Johann Goerg Kohl e Élisée Reclus. Entretanto, a ideia de associar esta estrutura ao desenvolvimento e/ou crescimento econômico vem de século anterior. Nos anos de 1990, o conceito de cadeia (*supply chain*) evoluiu rapidamente para rede (SANTOS; BASSANESI, 2010). Há algumas décadas, as redes de informação têm dado novos estatutos, ao associar a simultaneidade e a instantaneidade às demandas da sociedade (SOUZA, 2013). Sua importância fez o sociólogo catalão Castells (2002) referir a sociedade atual como **Sociedade em Rede** (*network society*).

Assim, ele define em sua tese que a “economia informacional caracteriza-se pelo desenvolvimento de uma nova lógica organizacional que está relacionada com os processos atual de transformação tecnológica, mas não dependente dele” (CASTELLS, 2002, p. 174). Estas definem-se em diversas formas e na caracterização física observada com a materialidade que se justifica por redes mundiais.

A aplicação da Teoria das Redes ao fenômeno turístico vem sendo difundida no Brasil, como na pesquisa desenvolvida por Diógenes (2016) sobre redes de turismo. Nessa direção, analisa a aplicabilidade teórica ao seu recorte territorial, o nordeste brasileiro, concluindo que a teoria de redes era a que mais se adequava a especificidades locais. Para os estudos de redes, a autora (2016) baseia sua análise em trabalhos desenvolvidos em áreas correlatas ao turismo, associando pilares teóricos das Ciências Sociais, Geografia e Turismo. Para isso, ao incitar reflexões com a obra de Manuel Castells (2002), analisa a sociedade em rede e as complexas relações instituídas pelas sucessivas revoluções apresentadas pelo sociólogo.

Na Geografia, pode-se, por exemplo, buscar suporte teórico nos trabalhos do geógrafo Milton Santos, mais precisamente em seu Manual de Geografia Urbana (SANTOS, 2008). Neste trabalho, o autor apresenta as redes urbanas em países subdesenvolvidos e demonstra duas formas distintas de análise, por meio do enfoque genético e atual. Santos (2008) apresenta ainda elementos essenciais para o entendimento da estruturação das redes no espaço, são eles: as massas, os fluxos e o tempo. Esses elementos são essenciais também ao entendimento do fenômeno turístico. Importante inclusão nessas discussões sobre redes perpassa a visão do geógrafo de Roberto Lobato Corrêa. Entre sua vasta obra, pode-se destacar Trajetórias Geográficas ao aplicar o estudo das dimensões de análise das redes geográficas (CORRÊA, 2001).

Porém, a evidência absoluta da forma da rede sobre o território urbano não pode cegar-nos à complexidade dos fenômenos que a compõem. Ou seja, pensar as redes exclusivamente a partir de propriedades geométricas ou funcionais não daria conta da riqueza do conceito: isso não permitiria nem a aproximação heurística de um fenômeno, nem serviria de instrumento de gestão de um fenômeno (DUARTE; FREY, 2008, p. 155-156).

6 Algumas abordagens para uma formulação epistemológica

Comumente o Turismo é tratado por seu campo prático e teórico. Neste estudo, no campo teórico avalia-se definição, elaboração, formação genética, valores de seus estatutos e pressupostos conceituais na definição da Teoria do Espaço Turístico adotada. No campo prático reconhece-se o nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, formação territorial e regional.

Na leitura da **Teoria do Espaço Turístico**, proposta no material expositivo do Cicatur (1973), algumas questões causam certa estranheza

quanto ao seu rigor metodológico. Situação que, embora mereça novas leituras, está longe de desqualificar toda a expertise e o arcabouço conceitual trazido pela proposta e suas implantações práticas.

No Brasil, neste material de consulta citado (CICATUR, 1973), tem-se um vasto material teórico e bibliográfico. Assim, esses especialistas conhecem, provavelmente pela primeira vez, a teoria dada por Juan Carlos Darriulat (1973a, 1973b, 1973c). Repara-se que esta trata da mesma proposta anos depois publicada como de Boullón (1985). Certo de que estes dois pesquisadores são vinculados a este centro de investigação latino-americano (Cicatur), neste estudo refere-se à autoria da proposta à esta instituição, provavelmente conjunta entre estes pesquisadores.

Adota-se como recorte as regiões definidas pelo Ministério do Turismo como das Hortênsias, Uva e Vinho e Campos de Cima da Serra. Área que compreende por algumas definições históricas e turísticas, mesmo sem uma definição clara conceitual como da Serra, ou Serra Gaúcha. Nela, *“su práctica conduce a la multiplicación de espacios específicos de preferente uso turístico y, más allá de sus precedentes decimonónicos, ocasiona la construcción de un tipo de ciudades, las turísticas, que representan una forma singular de urbanización”* (QUINTANA, 2015, p. 15). O que determina uma materialidade espacial passível de um reconhecimento prático determinado por equipamentos e atrativos turísticos.

Aponta-se no artigo um levantamento de referenciais bibliográficos que constituem a formação da teoria em questão. Confrontam-se assim autores que os propõem e busca-se aumentar a escala de análise para os ambientes propostos. É fato que se tem uma insuficiência de dados, principalmente por terem sido localizadas raríssimas pesquisas que façam este percurso na elaboração ontológica do material específico apresentado. Espera-se, assim, indicar mais pressupostos norteadores possíveis, situação comum a avaliações sem explorações exaustivas anteriores.

Determinado o respectivo material teórico proposto, aplica-se na área escolhida, com a observação direta confrontada com as construções da taxonomia elaborada, retratando os valores das localidades. Para esta avaliação, realiza-se um intenso trabalho prático de inventário turístico. Levantamento e pesquisa realizados por mais de quatro anos, identificando os meios de hospedagens, as estruturas gastronômicas, entre outros equipamentos e atrativos da referida região. Após esta identificação, aplica-se a categorização hierárquica turística desses municípios.

Com estas duas bases, faz-se uma avaliação da Teoria Espacial e apresentam-se apontamentos diversos quanto a uma atualização. Nela, incorporam-se outras bases para a observação. Assim, soma-se o levantamento de dados elaborado pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2019), com aporte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e a observação direta realizada nos respectivos municípios para reconhecer a relação da atividade com as cidades envolvidas e seus entornos.

7 Construção teórica: um complexo quebra-cabeça

Avaliar a Teoria do Espaço Turístico, comumente associada no Brasil à Boullón, apresenta alguns pontos abertos. Inicialmente, retrata-se a questão referente à sua elaboração teórica. Neste arcabouço, seu estatuto, suas categorias inerentes e objetivos remetem a uma proposta metodológica impressa por dois autores distintos: Juan Carlos Darriulat (1973a, 1973b, 1973c) e Roberto Constantino Boullón (1985). Ambos apresentam exatamente o mesmo estatuto teórico, o que faz crer que expuseram a mesma teoria e sua filiação aponta ao órgão a que pertenciam: Cicatur.

Nas propostas apresentadas, faz-se referências a planos turísticos, o que pode melhor compreender o pressuposto teórico, como o primeiro elaborado na Argentina. Material este que, nesta pesquisa, não se teve acesso por meio de buscas virtuais, mas a indicação a esses planos pode ser localizada em Acerenza (1987), pesquisador que também fazia parte do grupo desse Centro. Sabe-se que estes planos foram elaborados em um período conturbado entre os governos peronista e ditaduras militares.

Na América Latina, importante destaque tem o arquiteto argentino Roberto Boullón que, ao longo de sua vida, teve uma ligação com o Planejamento Regional e o Turístico. Este especialista coordena, por exemplo, pela Cicatur², a elaboração, em 1978, e a atualização, em 1986, do *Plan de Desarrollo Turístico del Uruguay* e o *Desarrollo Turístico del Uruguay*, (QUINTANA, 2015, p. 36). Neste material, adota-se a Teoria do Espaço Turístico, apontada por Quintana (2016) como de Boullón. Assim, incorporam-se os conceitos definidos pelo pesquisador de atrativo turístico, planta turística e infraestrutura turística e avalia-se sua adequação e suas modalidades localizacionais em zona turística e outras categorias.

Sabe-se que este órgão, com funcionamento vinculado à Organização dos Estados Americanos, foi atuante na América Latina entre os anos de 1973 e início da década de 1980. Tinha como objetivo proporcionar a formação de especialistas e de material bibliográfico do Turismo (ICAZA, 2017), que colaborasse para um entendimento da abrangência regional do turismo proposto.

A **Teoria do Espaço Turístico** reforça uma relação prático-concreta. Dela forma-se uma taxonomia hierárquica das localidades. Qualificação inclusive que nenhum autor teórico justifica como determina as construções

² El Centro de Investigación y Capacitación Turística (Cicatur) surge en virtud de un acuerdo suscrito el 3 de marzo de 1973 entre la Secretaría General de la Organización de Estados Americanos (OEA) y el Gobierno de los Estados Unidos Mexicanos, como consecuencia de la resolución 39/72 emanada de la VIII Reunión Anual del Consejo Interamericano Económico y Social de la OEA, celebrada en la ciudad de Bogotá, en el período comprendido entre el 30 de enero y el 8 de febrero de 1973 (CAPANEGRÁ et al., 2012). Este Centro junto con los subcentros de Argentina y Barbados, integro lo que se conocía como el sistema de capacitación y asesoramiento a nivel interamericano, emprendido por el entonces Programa de Desarrollo Turístico de la OEA. La Cicatur tendió a solucionar la falta de capacitación, tanto de los empleados públicos del sector, como profesionales de la actividad en toda América (QUINTANA, 2005, p. 36)

de seus pontos-limite, como, por exemplo, entre uma unidade turística e um núcleo turístico. Os corredores têm uma maior clareza pela sua própria especificidade na formação territorial, determinada pelas apropriações dos turistas aos equipamentos e atrativos nos espaços.

A Teoria leva a dois entendimentos, tendo como pilares as teorias localizacionais e os sistemas turísticos. Se sobre a primeira não é encontrado qualquer comentário no material exposto por seus teóricos, a ideia de sistema é presente. O próprio Boullón (2006) esboça estruturas sistêmicas para o entendimento do turismo. Mais adiante expõe também, que:

Quando un sistema de planificación nacional comienza a operar, lo primero que debe hacer es definir técnicamente su ámbito de acción en función de la regionalización del país. Esta tarea consiste en dividirlo en partes, de acuerdo con una serie de criterios técnicos. Luego, por un lado, se elaborarán los planes para cada región y, por el otro, los planes sectoriales; pero no por separado sino integrándolos. El propósito es que, al menos teóricamente, cada plan sectorial se desagregue por regiones para que los planes regionales compatibilicen intereses y problemas distintos (BOULLÓN, 2006, p. 57).

Quanto à atualização de conceitos, é importante lembrar que os estudos espaciais estavam passando por uma grande transformação conceitual nesse período de sua elaboração. Autores como **Lefebvre** (1986), **Lacoste** (1988) e mesmo na América Latina, **Milton Santos** (2004) e **Roberto Lobato Corrêa** (1997), entre outros, estavam reescrevendo uma 'Nova Geografia'. Porém, claramente os teóricos do Cicatur demonstram estarem distantes dessas novas abordagens conceituais. Situação clara quando se observa que Boullón (2015) não utiliza os termos recursos e região, embora contraditoriamente trabalhe com regionalização. Refere-se à região como muito foi tratado pela Geografia de formação positivista dos anos 1960, e preferindo por esta característica não utilizar. Quanto à recurso, afirma o autor que o termo vindo da Economia se desdobra nesta Ciência como Recursos Naturais, Humanos e de Capital. Assim, a ideia dele quanto à natureza não se associa à matéria-prima, ou ao objeto sem o tratamento necessário para o seu consumo, ideia mais contemporânea.

Na Teoria apresentada, define-se como o de maior valor hierárquico a zona. Ela integra como uma característica definida de regionalidade e abrange outras hierarquias em seu interior, como subsistemas integrantes, como os complexos, os centros e os corredores, em suas diversas especificidades. Define-se ainda que:

En cuanto al campo específico de la planificación física, la teoría del espacio es un instrumento útil para guiar el análisis y diagnóstico del sector, mediante un procedimiento que simplifique el trabajo intelectual al conducirlo en forma ordenada. Posteriormente y de acuerdo con la potencialidad de cada elemento, y las proyecciones de la demanda, en

primer lugar, habrá que establecer los límites de crecimiento de todos los elementos del espacio turístico analizado y, luego, calcular con un satisfactorio nivel de aproximación las categorías y tipos de la planta turística por construir, en cada etapa de su evolución. En la parte resolutive de un plan, después de saber cómo son y cómo funcionan los elementos que integran el espacio turístico, es necesario identificar proyectos, pensados no en sí mismos, sino como el medio para mejorar el rendimiento individual de cada elemento en forma coordinada, a efecto de que cada éxito parcial redunde en beneficio del conjunto (BOULLÓN, 2006, p. 91).

Alguns pontos ficam intrigantes com relação à abordagem teórica de Boullón (2002): o pesquisador não compreende que o turismo é uma atividade urbana que pode ser desenvolvida em diversos ambientes como o urbano, o natural, o oceânico e o rural, por exemplo, para usar algumas caracterizações distintas. Assim, ao tratar na prática da em ambientes naturais, dissocia da Teoria do Espaço Turístico. Descarta que esta pode ser aplicada em qualquer uma dessas possibilidades.

No Brasil, entre poucos pesquisadores que têm uma tese sustentada na Teoria, Almeida (2006, p. 53) apresenta uma divisão às classificações de Boullón, em relação ao funcionamento e aos equipamentos. Na mesma linha do arquiteto, reforça a proposta e o funcionamento em centros de distribuição, de estada, de escala, de excursão e recreativo.

8 Início da configuração do objeto

Pode-se pensar no posicionamento da região turística da Serra Gaúcha como importante destino turístico nacional. Qualificação que destaca hierarquicamente Gramado como principal destino indutor. Localidade que, por sua configuração territorial, poderá dar pistas de suas demandas e conectividades internas. Por vez, a Teoria do Espaço Turístico tem por expectativa, a partir de taxonomia específica, a formulação hierárquica desses destinos, assim como do papel de outros locais. Espera-se que esse arcabouço teórico possa reformular um estatuto territorial na formulação do produto turístico regional.

Sabe-se na Academia a necessidade do rigor teórico e metodológico, situação que não se exclui nos estudos do Turismo. Esta condição perpassa inclusive no reconhecimento de seus conceitos, muitas vezes apresentados por complexas elaborações ontológicas. A origem do estudo do planejamento e desenvolvimento turístico remete a estatutos com origens, muitas vezes, da metade do século passado ou mais, e precisam ser atualizados, como, por exemplo, ideias de região ou mesmo de recursos apresentadas por Boullón (1985). Esse sustentado inicialmente na Geografia tradicional (positivista), como visto anteriormente.

O nordeste do Rio Grande do Sul se caracteriza territorialmente por duas formações distintas internas. Assim, pode-se destacar a região histórica e turística denominada Serra, com uma formação inicial associada a projetos

imperiais de assentamento de imigrantes predominantemente italianos, do meio e final do século XIX, que contrasta com a região de Campos de Cima da Serra, com uma ocupação inicial de tropeiros luso-brasileiros. Ambas caracterizam a formação da área de estudo.

Observa-se que as centralidades localizacionais se estabelecem, fundamentalmente, na área do projeto de assentamento migratório. Nela, a ideia de um planejamento regional reflete a distribuição territorial por oportunidades produtivas. Embora não haja um equilíbrio, afinal o atual município de Caxias do Sul (antiga colônia Caxias) abriga praticamente a metade da população regional e com um extenso território. Nele, podem ser observadas características dos dois processos de formação territorial. Assim, encontra-se presente neste município o minifúndio da agricultura familiar ao leste, que contrapõe com o latifúndio a oeste, duas características conflitantes em toda esta região.

9 Reconhecendo a Teoria do Espaço Turístico no Nordeste do Rio Grande do Sul

Nota-se que o turismo na Serra Gaúcha tem eminentemente alguns valores que podem ser definidos hierarquicamente quanto à demanda turística. Esta justifica-se com a disponibilidade de atrativos e serviços turísticos e de apoio oferecidos ao visitante. Assim, foram selecionados 26 municípios com alguma atividade turística de um total de 49 existentes. Neles, observa-se com destaque a atividade turística em Gramado, Canela, Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

Gramado desponta como polo de desenvolvimento turístico. Nele, além de ter a atividade turística como principal atividade, outras atividades como a chocolateira, imobiliária, moveleira e de modas se sustentam como turismo de lazer, compras e eventos. Canela, com um valor hierárquico menor, qualifica-se, junto com o primeiro, como centro turístico. Nessa condição, tem-se, respectivamente, um centro turístico de distribuição (CTD) e um de excursão (CTE), embora como localidades conurbadas que determinam um complexo turístico. Essa condição, inclusive, envolve e qualifica a vizinha a oeste, Nova Petrópolis, que por demandas específicas pode indicar como corredor de excursão ou unidades turísticas. Soma-se a esse, no entorno imediato da região conurbada no sentido leste, São Francisco de Paula como corredor de excursão.

Bento Gonçalves, localizada a mais de 100 quilômetros de Gramado, destaca-se como um complexo turístico do setor vitivinícola (enoturístico). Parte de sua oferta se faz complementar, ou secundária, do centro de distribuição turístico de Gramado, e parte por sua própria oferta de atratividade, principalmente com um apelo intrarregional. Sustenta-se essa localidade como centro turístico de estada ou de excursão, com as vizinhas localidades de Monte Belo do Sul e Santa Tereza. Somam-se, sobre este raio de demanda, Carlos Barbosa e Garibaldi, como centros de estada, além de Pinto Bandeira como unidade turística.

Farroupilha tem uma condição atípica. Nela há um turismo religioso com forte apelo excursionista e de dimensão intrarregional, com uma escala de centenas de milhares de visitantes. Soma-se à atratividade definida por uma oferta de compra de vestuário que, às vezes, complementa a religiosa. Finalmente, identifica-se no município uma oferta incipiente vinícola, embora com destaques pontuais, e associada ao complexo turístico com esse apelo da região.

Caxias do Sul posiciona-se como segundo destino turístico da região. Seu turismo se qualifica por um apelo de centralidade industrial, negócios, compras e serviços. Nessa condição, caracteriza-se como complexo turístico com influência em São Marcos, Farroupilha e Flores da Cunha, como unidades turísticas, embora as duas últimas atendam outras demandas. Flores da Cunha também apresenta uma formação incipiente que o qualifica como conjunto turístico no enoturismo.

É importante observar a divisão que faz o setor com aqueles municípios localizados no noroeste do rio das Antas e na formação de um vale. Notoriamente, sua condição determina uma dificuldade de acesso criando certo isolamento. Soma-se a inexistência de centralidades definidas para a atividade turística. Nessa microrregião como núcleo turístico tem-se: Cotiporã, Nova Roma do Sul, Antônio Prado, Nova Prata e Protásio Alves. Tem-se ainda como unidade turística: Veranópolis e Vila Flores, e como conjunto turístico ou corredor turístico: Fagundes Varela. Destaca-se Antônio Prado pela condição produtiva vitícola e o acervo cultural arquitetônico existente tombado em âmbito federal pelo IPHAN.

No outro extremo regional, na área norte/nordeste, Vacaria destaca-se como um centro microrregional administrativo e referência em eventos de rodeio, o que a qualifica como conjunto turístico ou núcleo turístico. Essa mesma qualificação pode ser apontada para Cambará do Sul, em função de sediar dois parques nacionais (PN Serra Geral e PN dos Aparados da Serra). Nessa área, completam o conjunto turístico: Bom Jesus (núcleo turístico) e São José dos Ausentes (unidade turística) (Vide Figura 1).

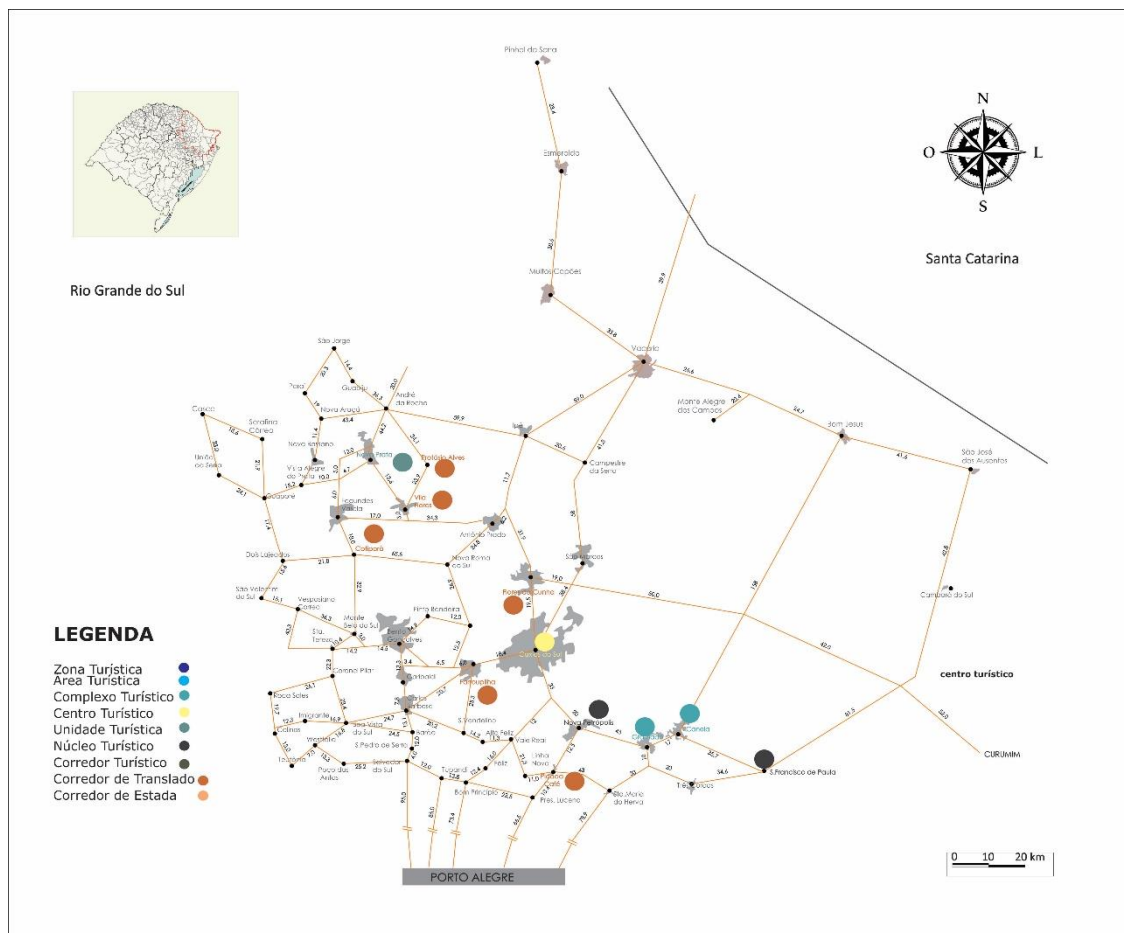


Figura 1. Mapa esquemático turístico do NE do RS (Serra Gaúcha e Campos de Cima da Serra) com algumas hipóteses possíveis segundo a Teoria apresentada. Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Observa-se, por todos esses municípios, que as atividades turísticas desenvolvem com conectividades diversas. Essas determinam estruturas que qualificam variadas redes geográficas turísticas.

10 Considerações Finais

No estudo localizacional, baseado na Teoria do Espaço Turístico (DARRIULAT, 1973a, 1973b, 1973c; BOULLÓN, 2002), algumas considerações preliminares podem ser dadas. A sua elaboração teórica, embora tenha um papel importante no planejamento físico-territorial do turismo, apresenta imposições positivistas que induzem a simplificação que precisa ser qualificada por novos questionamentos epistemológicos. O reconhecimento do atrativo sem uma definição hierárquica e mesmo as dimensões do equipamento podem não condizer com a sua classificação, embora normalmente indique uma razoável relação. Afinal, um atrativo com valor hierárquico 3 (três) pode ser muito mais relevante do que muitos atrativos com valor 1 (um).

Observa-se que, embora diversas redes façam parte do dia a dia, o seu estudo compreende um amplo leque de especificidades e procedimentos para análise. Das redes propostas na Sociologia, na Geografia (denominadas Física e Humana), as de uso tecnológico e mesmo na Psicologia ou na Antropologia, são inúmeras as configurações e estatutos possíveis. Essas não se tornam um conceito, e nem tampouco uma temática, a elas cabe, com rara exceção, contribuir para outros entendimentos de fenômenos diversos. Cabe-lhes principalmente como recurso ou como inventário, como base estruturalista ou sistêmica, para possibilitar o entendimento da totalidade, ou mesmo de questões específicas.

Algumas questões são evidentes na distribuição e no seu reconhecimento hierárquico. Observa-se que a Teoria do Espaço Turístico constitui uma poderosa ferramenta para a identificação da apropriação territorial de uma determinada área. Por uma perspectiva macro, facilmente identifica-se uma zona turística formada por diversas localidades, definindo destinos turísticos.

A escolha do recorte definido por três áreas administrativas, previamente qualificadas pelo Governo do Estado como região funcional, teve alguns desdobramentos. A escolha dos 49 municípios, e depois a definição de 26 localidades dentre esses, precisa ser questionada para novos desdobramentos de pesquisa, com indicações em Planejamento e Desenvolvimento Turístico Regional. Pode-se pontuar a questão do reconhecimento dos municípios limítrofes de Gramado e Cambará do Sul, que não são abordados nesta configuração.

Define-se que Gramado tem uma força motriz e pode ser qualificado como polo de desenvolvimento turístico. Nessa condição, dentro da região das Hortênsias, Nova Petrópolis tem um forte apelo como corredor conectando o polo a Porto Alegre e a Caxias do Sul. Bento Gonçalves também se beneficia dessa condição de oferta secundária/complementar do polo. Entretanto, nessa condição também se posiciona como distribuidor de atividades para outros municípios, como Garibaldi, Carlos Barbosa, Santa Tereza, Pinto Bandeira e Monte Belo do Sul. Todos esses completando a oferta da atividade baseada em um chamado turismo cultural, com apelo na migração italiana e no enoturismo de Bento Gonçalves.

Quanto a esse segmento, observam-se três questões específicas: Flores da Cunha, como conjunto turístico, busca definir uma oferta independente; Farroupilha tipifica também, mas com ofertas distintas em outros recursos (compras e religioso); e os oito municípios com uma barreira natural definida pelo vale e Rio das Antas têm, nesse acidente geográfico, um limitador. Porém, junto com esse fator podem-se também somar: a inexistência de governanças microrregionais que os articulem, a baixa população e densidade, e a falta de conexão direta rodoviária e aérea de grandes núcleos emissores.

Caxias do Sul qualifica-se como segundo destino turístico regional. Nele,

embora notem-se ofertas turísticas difusas, tem-se o setor qualificado por seu papel como polo de desenvolvimento regional de diversos setores industriais (metal e mecânico, têxtil e plástico, por exemplo) e serviços (administrativos, de ensino, de saúde, por exemplo). Nessa condição, tem uma oferta, mesmo que mínima, distribuída por Flores da Cunha, Farroupilha (esses dois com outras ofertas, como observado) e São Marcos.

Vacaria tem duas questões específicas: uma oferta sazonal em eventos de rodeio e outra como centralidade microrregional. Uma situação esparsa define Bom Jesus, São José dos Ausentes e Cambará do Sul. Este último, apesar do relativo isolamento, tem dois fatores marcantes para uma mudança futura que altere sua qualificação hierárquica: o acesso rodoviário com uma topografia favorável partindo tanto de Vacaria como de Caxias do Sul e Gramado, e a locação de duas Unidades de Conservação (Parque Nacional de Serra Geral e Parque Nacional de Aparados da Serra), que recentemente tiveram seu serviço entrado em um processo de concessão à iniciativa privada .

Nota-se que a simples avaliação dos valores hierárquicos deve ser feita com a identificação das sociedades envolvidas, das relações empresariais, do poder público, do entendimento dos núcleos emissores (por todas as maneiras de acesso) e das condições físicas como conexões e barreiras diversas. Porém, o seu valor hierárquico justifica-se por essa complexidade de condição. Não se deve desprezar os estatutos localizacionais definidos pela Teoria do Espaço Turístico, mas a ela devem ser apontados novos valores, como tem feito a Geografia no reconhecimento do Espaço, da Região e do Território.

O reconhecimento da região como polo de desenvolvimento torna-se uma questão fundamental. As divisões estabelecidas por avaliações devem ser sempre flexíveis, e o seu entendimento como formadoras de redes geográficas turísticas fundamental. Observa-se que todas as questões observadas diretamente concatenam com a pesquisa de valores definida pelo Ministério do Turismo e com as hierarquias definidas na Teoria do Espaço Turístico.

Os atrativos turísticos, e conseqüentemente as localidades turísticas, devem ser considerados agrupando alguns fatores. Estes por si mantêm uma lógica de centralidade, que se soma a outros, definidos por matrizes econômicas e direcionamento político-administrativo. Entretanto, nada disso deve ser apresentado como construções estáticas. O reconhecimento das alterações, formações, dissoluções, manutenção de equipamentos e atrativos se faz ao longo do tempo. Atratividades podem, inclusive, transferirem-se de local, ou mesmo, desdobrarem-se. Todas estas considerações são observadas na Serra Gaúcha. A pesquisa, assim, elabora-se com novos valores, embora a plena coerência de dados dificulte um entendimento mais amplo.

11 Referências

ACERENZA, Miguel Angelo. **Administración del turismo**: planificación y direcion. 2ªed., Vol. 2, México: Trillas, 1987.

ALMEIDA, Marcelo Vilela. **Matriz de avaliação do potencial turístico de localidades receptoras**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo. São Paulo: 2006.

ALTHUSSER, Louise; BADIOU, Alain. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. São Paulo: Global, 1979.

BERNARDES, Américo Tristão; et al. Redes complexas: interações dos atores do setor turístico na cidade de Ouro Preto. In: SANTOS, Carlos Honorato Schuch; BASSANESI, Magda Medianeira Reginato (org). **Turismo e rede**: um caminho para a organização no início do século XXI. Caxias do Sul: Educs, 2010, p. 29-46.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria Geral dos Sistemas**: fundamentos, desenvolvimento e aplicações. Petrópolis, Vozes, 2008

BESSA, Kelly. Estudos sobre a rede urbana: os precursores da teoria das localidades centrais. **GeoTextos**. v. 8, n. 1, p. 147-165, jul. 2012.

BOULLÓN, Roberto C. **Planificacion del espacio turístico**. México: Trillas, 1985.

BOULLÓN, Roberto C. **Los municipios turísticos**. 2 ed. México: Trillas, 1997a.

BOULLÓN, Roberto C. **Planificación del espacio turístico**. 3 ed. México: Trillas, 1997b.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: EdUSC, 2002.

BOULLÓN, Roberto C. **Planificacion del espacio turístico**. 4ªed. México: Trillas, 2006.

BOULLÓN, Roberto C. **Planificacion del espacio turístico**. 5ªed. México: Trillas, 2015.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Categorização dos Municípios Turísticos** – 2019. Disponível em: https://turismo.gov.br/dadosabertos/categorizacao/RELATORIO_CATEGORIZACAO_2019-Portal.xls.

CAPRA, Fritjof. Vivendo redes. In. DUARTE, Fabio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (Orgs). **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 17-30

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol.I. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COE, Edward. Metodologia de inventário Turístico. *In*: EMBRATUR, OEA, CICATUR (orgs.). **Curso de planejamento do desenvolvimento turístico**. Rio de Janeiro: Doc. 4 (006), 1973.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. *In*: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações geográficas: percursos no fim do Século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

DARRIULAT, Juan Carlos. Planificacion turística Regional. *In*: EMBRATUR; OEA; CICATUR (orgs.). **Curso de planejamento do desenvolvimento turístico**. Rio de Janeiro: Doc. 001, 1973a.

DARRIULAT, Juan Carlos. Introducion a problemática turística regional. *In*: EMBRATUR; OEA; CICATUR (orgs.). **Curso de planejamento do desenvolvimento turístico**. Rio de Janeiro: Doc. 002, 1973b.

DARRIULAT, Juan Carlos. Proceso de planificacion regional. *In*: EMBRATUR; OEA; CICATUR (orgs.). **Curso de planejamento do desenvolvimento turístico**. Rio de Janeiro: Doc. 003, 1973c.

DIÓGENES, Conceição Malveira. **Estruturação e dinâmica da rede de serviços turísticos em Aracati / Canoa Quebrada - CE: 1970-2015**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 2016.

DUARTE, Fabio; FREY, Klaus. Redes urbanas. *In*: DUARTE, Fabio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 155-177.

EMBRATUR, OEA, CICATUR (orgs.). **Curso de planejamento do desenvolvimento turístico**. Rio de Janeiro: 1973.

ICAZA, Carlos. Organismos internacionales y políticas turísticas: influencias y relaciones para el caso latinoamericano. *In*: WALLINGRE, Noemí. **Desarrollo del turismo en América Latina: fases, enfoques e internacionalización**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. 10ed. Campinas: Papirus, 1988.

LEFEBVRE, Henry. Hors du centre, point de salut? **Espaces Temps**, n. 33, Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 7-8, 1986.

MIOSSEC, Jean-Marie. Un modèle de l'Espace Touristique. **Révue Géographique**, n.1, Aix-en Provence, 1985.

MORAES, Antonio Carlos. **Pequena história crítica**. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1999

QUINTANA, Claudio. **Política pública de turismo en Uruguay**. De la política de desarrollo turístico al desarrollo de la política turística (1986-2010). 2015. Dissertação (Mestrado em Economia e Gestão do Turismo Sustentável) - Universidad de la República. Montevideo, 2015.

QUINTANA, Claudio. Política pública de turismo en Uruguay (1986-2010). **Revista Pasos**, v. 14, n. 3, p. 725-736, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2016.14.047>. Acesso em: 12 set. 2021.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Anais do Encontro Nacional de Base Local**, 1. São Paulo: USP, 1997.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Carlos Honorato Schuch; BASSANESI, Magna Medianeira Reginato. (orgs.). **Turismo e redes: um novo caminho para a organização no início do século XXI**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6ªed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Manual da Geografia urbana**. São Paulo: Edusp, 2008.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano**. 1979. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.

SOJA, Edward Willian. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

STIGLIANO, Beatriz Veroneze; CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. **Inventário turístico: Primeira etapa para a elaboração do plano de desenvolvimento turístico**. Campinas: Átomo, 2005.

TULIK, Olga. **Praia do Gois e Prainha Branca: Núcleo de Periferia Urbana na Baixada Santista**. 1980. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.